Redes multicódigos, mudança de hábitos e o campo da comunicação

Francisco J. Paoliello Pimenta

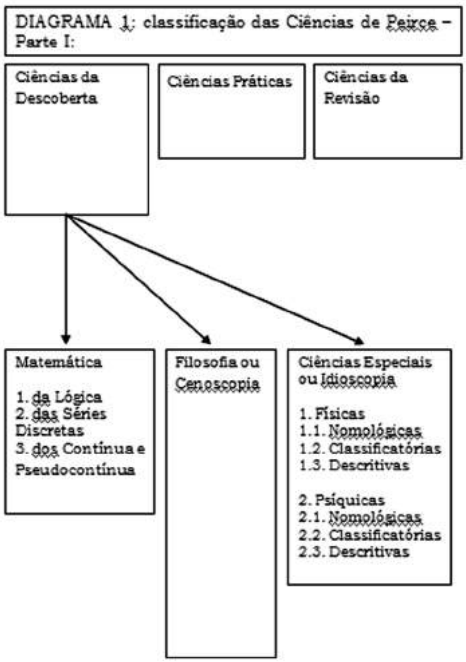
As possibilidades abertas pelas tecnologias digitais multicódigos constituem, hoje, a base de diversas mudanças na esfera comunicacional, desde a emergência de percepções vagas, passando pela adoção de novos tipos de atitudes do âmbito das ocorrências concretas, e chegando a transformações de processos ideacionais, lógicos, das mentes interpretadoras, conforme já apresentamos em trabalhos anteriores (Pimenta, 2006; 2007A; 2007B; 2007C; 2008A; 2008B; 2009; 2010A; 2010B; Pimenta e Franco, 2005; e Lorena Filho, 2007; e Rivello, 2012; e Rodrigues, 2012; e Silveira Jr, 2009; e Soares, 2004; e Umbelino, 2012; e Varges, 2009; e Varges, 2010). Se, por um lado, esse contexto mutante aparece como um desafio para essa área do saber, tanto para a produção quanto para a análise dos eventos, por outro oferece oportunidades bastante interessantes para um esclarecimento crescente sobre como podemos conceber os processos de comunicação nesse atual ambiente e, ainda, seu caráter mais genuíno como área do conhecimento frente às demais ciências.

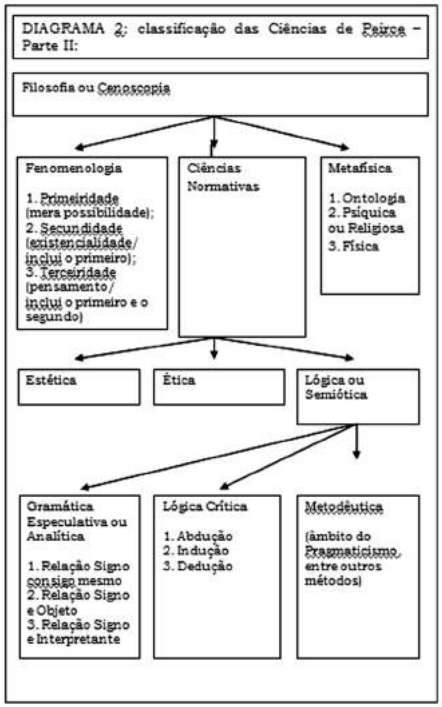
A partir daí, acreditamos que o pragmaticismo pode nos conduzir a uma compreensão mais rica desses resultados, definindo melhor o papel dos processos de comunicação no atual ambiente em transformação. Isso porque esse método se mostrou bastante útil nos trabalhos acima citados, ao nos fornecer o diagrama lógico para analisarmos o atual contexto por meio do esclarecimento detalhado de como deve ser cada passo das investigações e descobertas científicas sobre a base das três inferências, a abdução, a dedução e a indução.

O pragmaticismo está articulado a uma complexa arquitetura, concebida pelo lógico norte-americano Charles Sanders Peirce, visando explicar como se dão os processos de obtenção do conhecimento, e que pode ser aplicada aos diversos tipos de inteligências que hoje conhecemos, sejam elas animais, entre elas a humana, ou das máquinas, e, ainda, seus híbridos. Portanto, apresentaremos, a seguir, de forma sintética, a possível contribuição desse método para uma melhor compreensão dos processos de comunicação, por meio de suas relações com as demais esferas da ciência e do pensamento.

A concepção pragmaticista e o saber em comunicação

Em seu esforço de criar o pragmaticismo como método que propiciasse um maior esclarecimento sobre os processos de obtenção do conhecimento, Peirce desenvolveu diversas versões de um diagrama que o situasse numa ampla classificação das ciências. Abaixo, segue uma de suas versões, seguindo sempre as características triádicas de suas categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade.





Assim, por meio desses diagramas, podemos compreender que qualquer esforço científico, entre eles essa definição que buscamos sobre o que seria o campo da comunicação, se encontra no âmbito mais geral do contínuo trabalho humano de descobrir e aprimorar métodos, ou seja, da metodêutica (Peirce, 1931-58: 2.108). Dessa perspectiva, a tarefa se apoia, portanto, na lógica ou semiótica, como teoria geral dos signos. De fato, se não há como pensar sem signos, para que se possa estabelecer uma ciência é imprescindível uma compreensão semiótica de como se dão seus processos, em especial a comunicação, que se dá necessariamente por meio deles.

A propósito, em nossas pesquisas anteriores, citadas acima, nos apoiamos fundamentalmente nessa perspectiva semiótica, desde a base pragmaticista fornecida pela metodêutica, passando pela postura metodológica derivada da lógica crítica, com suas subáreas da abdução, indução e dedução, e, ainda, em sua analítica, que nos forneceu a teoria sígnica para as análises em geral.

Seguindo os diagramas, outra instância que pode ser útil no entendimento dos processos de obtenção do conhecimento nesse plano comunicacional, especialmente se considerarmos o atual contexto das trocas por meio das redes digitais, é a metafísica, tal como a concebeu Peirce, como ciência da mente e da matéria, voltada para a busca do que seria a realidade em seus traços mais gerais. Isso porque essa esfera nos remete à vertente do realismo escolástico, na qual o pragmaticismo se insere.

Segundo ela, nossos pensamentos são determinados por uma realidade lógica da natureza, infinitamente mais ampla que a cognição humana, o que nos permite superar as limitações nominalistas herdadas do estruturalismo, que tanto impactaram e ainda influenciam fortemente a área da comunicação. Fred Michael descreve assim esta última fase do realismo de Peirce:

> O real, na última versão de Peirce, é independente da cognição, e assim independente da investigação, o que talvez explique como Peirce podia abandonar a sua caracterização do real como aquilo que a investigação revelaria ao final. E suas categorias não são mais categorias da experiência, como foram para Kant e tinham sido para Peirce até aquela época; as categorias baseadas na nova lógica dos predicados, em contraste com as categorias da lógica de classes inicial, são categorias da realidade externa (Michael, 1988: 334).

Portanto, de acordo com essa vertente, a lógica do raciocínio humano não é uma elaboração exclusiva dessa espécie, mas, ao contrário, foi desenvolvida, inclusive biologicamente, articulada a processos naturais com características universais, um pensamento derivado de uma hipótese intitulada sinequismo. Tal concepção, decorrente do realismo moderado adotado por Peirce, com base em Aristóteles e Duns Scot, pressupõe, assim, a constante referência a um padrão lógico sob o qual opera a razão, inclusive a nossa, derivado, por sua vez, do que seria uma espécie de "pensamento do universo". Para esse realismo, o saber deve decorrer de "um processo por meio do qual o existente vem a incorporar continuamente uma certa classe de gerais que, ao longo de seu desenvolvimento, vêm se mostrar razoáveis" (Peirce, n/d: MS 329, 20). Diz Peirce:

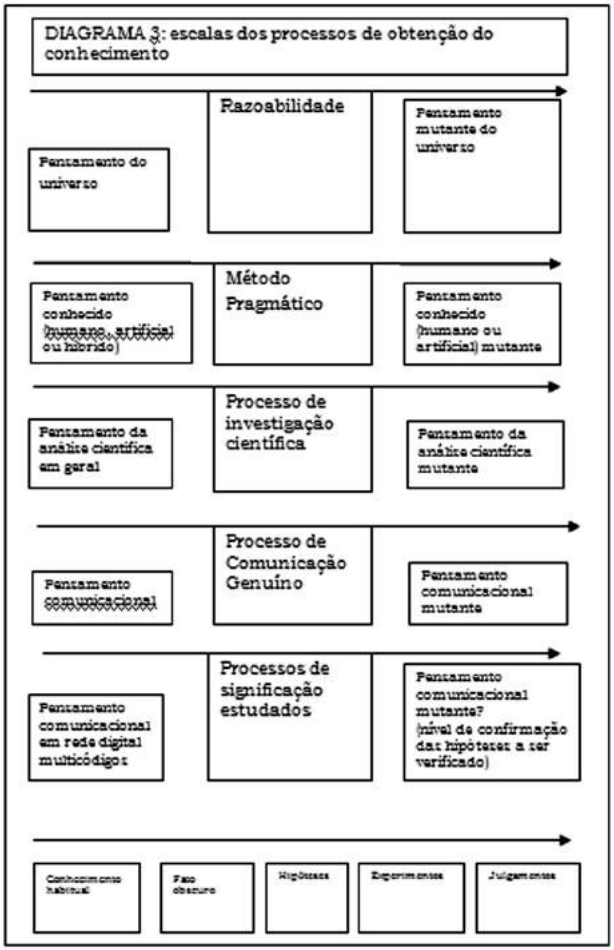
> A criação do universo, que não aconteceu durante certa semana agitada, no ano 4004 A.C., e sim continua hoje e nunca estará completada, é o próprio desenvolvimento da Razão. (...) A única coisa cuja admirabilidade não é devida a uma razão ulterior é a Razão, ela mesma, compreendida em toda a sua inteireza, na medida em que possamos compreendê-la. Sob tal concepção, o ideal de conduta será executar nossa pequena função na operação da criação, dando uma mão, visando tornar o mundo mais razoável sempre que, como a gíria diz, fazer isto é "up to us" (responsabilidade nossa). Na lógica, será observado que conhecimento é razoabilidade, e o ideal de raciocínio será seguir tais métodos, como o conhecimento mais desenvolvido, o mais rapidamente... (Peirce, 1931-58: 1.615)

Em outra passagem, ao definir suas categorias, Peirce afirmou: "Elas sugerem um modo de pensar; e a possibilidade da ciência depende do fato de que o pensamento humano necessariamente compartilha de qualquer característica difundida por todo o universo, e que suas modalidades naturais têm alguma tendência de ser os modos de ação do universo" (Peirce, 1931-58: 1.351). Assim, os processos de obtenção do conhecimento seguiriam uma lógica que não é apenas humana, e, sim, da natureza, e, portanto, seriam autônomos frente à nossa cognição. Tal visão diverge de vertentes muito disseminadas no campo, segundo as quais o fenômeno comunicacional é algo estritamente limitado ao seu respectivo contexto cultural.

O saber em comunicação como etapa rumo à razoabilidade

Ainda a partir do diagrama acima, compreendemos que o saber está associado aos esforços daquele setor que Peirce chamou de idioscopia, ou das ciências especiais, o qual, dentro da esfera das ciências da descoberta, visa à resolução de questões teóricas a partir de experimentos físicos ou mentais. A definição mais precisa do que seriam os processos comunicacionais é certamente algo desse domínio, na medida em que tal elaboração teórica depende de investigações com esse caráter empírico. Do mesmo modo, esse percurso está relacionado também à instância das ciências da revisão, que vincula as descobertas derivadas das pesquisas às atividades práticas, visando organizar seus resultados para aprimoramentos da filosofia da ciência, algo que certamente pode ser aplicado às concepções epistemológicas da comunicação.

A partir desses pressupostos, dos quais as vertentes de estudos comunicacionais que enfatizam as matrizes especificamente culturais devem discordar, chegamos à descrição pragmaticista das etapas que caracterizam a obtenção de conhecimento, ou seja, dos processos sígnicos, ou comunicacionais, bem sucedidos, entre eles a própria ideia do que seja o fenômeno comunicacional. Nessa esfera, acreditamos que as concordâncias poderão ser bem mais expressivas.



De acordo com essa perspectiva, a adoção de um padrão lógico determinado pela razoabilidade nos vem possibilitando ampliar o conhecimento a respeito do ambiente em que vivemos, nas mais diversas áreas pesquisadas pela ciência, incluindo, aí, os processos de comunicação, uma vez que somos constrangidos a agir dessa forma para obter resultados, pois não é esta espécie que determina as regularidades por meio das quais os fenômenos se dão. Naturalmente, existem ocorrências nas esferas das culturas que podem fugir a esses padrões, contrariando a razoabilidade, porém, a longo prazo, procedimentos com essas características tendem a ser superados pela acachapante superioridade das regularidades universais.

Portanto, a partir dessa ideia de razoabilidade, tomada como "o pensamento do universo", o pragmaticismo é apresentado como um método dela derivado, o qual intenta descrever as etapas por meio das quais a mente adquire conhecimento de algo. Como tal obtenção do conhecimento tem de se dar, necessariamente, por meio de processos envolvendo algum tipo de percepção, e, daí, de interpretação sígnica, mesmo que extremamente frágil ou até inconsciente, sua descrição serve também como critério para o que seria um processo de comunicação bem sucedido, de caráter genuíno.

A crise epistemológica da comunicação e a saída pelo pragmaticismo

É comum em nosso campo a ideia de que a comunicação humana é um fenômeno eminentemente cultural, às vezes tomado até mesmo como regulado pelo código das línguas ocidentais e, no caso de Derrida, predominantemente do verbal escrito, um pensamento reforçado pelas vertentes conceptualistas e estruturalistas da linguagem. Contudo, sob o prisma da razoabilidade, e, daí, do pragmaticismo, as normas das línguas indo-europeias, que constituem as bases dessas vertentes, devem ser vistas apenas como uma apropriação de caráter ínfimo das regularidades lógicas que ocorrem no universo.

Acreditamos que a rigidez da compreensão estrutural dos processos de comunicação e sua dificuldade de articular a ideia de acaso e indeterminação aos seus conceitos linguísticos de substância, diferença e arbitrariedade vem colocando em xeque a verdadeira hegemonia obtida nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado pelas teorias derivadas do verbal no âmbito das ciências humanas e sociais, incluindo aí o pós-estruturalismo. Isto porque tal postura tem se mostrado incapaz de explicar o impacto dos fenômenos decorrentes da tecnologia digital, que vem ocorrendo tanto na produção comunicacional

quanto em suas articulações conceituais na esfera teórica, conduzindo a um excesso de trabalhos meramente descritivos, com fortes conotações políticas, em detrimento das descobertas e da apresentação de soluções comunicacionais para o cotidiano daqueles envolvidos nesses processos.

É interessante observar que muitas vertentes do campo comunicacional, por outro lado, têm conduzido suas pesquisas de acordo com as etapas propostas pelo pragmaticismo, mesmo que discordem de seus pressupostos, geralmente sem a explicitação de estarem operando dessa forma. Assim, nossa ideia é propor o tratamento dos fluxos comunicacionais como uma subclasse dos processos de obtenção do conhecimento em geral, na medida em que compartilham os mesmos objetivos, ou seja, os de aprimorar uma compreensão anterior de algum objeto, seja tal comunicação uma simples conversação ou trocas informacionais sobre temas de alta complexidade.

De acordo com o pragmaticismo, portanto, a pesquisa em comunicação pode ser conduzida por meio dos procedimentos habituais das investigações científicas, o que implica em considerar os estágios da abdução, dedução e indução na busca de um maior esclarecimento sobre o respectivo objeto, tal como procedemos nas pesquisas que realizamos nos últimos anos, conforme já citamos. Tal compreensão deriva da classificação de argumentos da lógica crítica (ver Diagrama 2), como área do conhecimento voltada para o estudo dos modos de inferência e para a caracterização das diferenças entre os raciocínios corretos e os incorretos. Esse estudo dos modos de inferência permite compreender melhor o significado de cada uma das etapas da descoberta.

A aplicação do pragmaticismo e sua abertura para o empírico

Nossas pesquisas nos conduziram, então, à ideia de que as tecnologias digitais vêm estimulando os processos de comunicação no sentido de proporcionar às mentes envolvidas, ainda que em graus diferentes, sentimentos de compartilhamento, inserções mais efetivas em seus contextos sociais e daí, crescente autoconsciência de estarem operando por meio de signos complexos.

Esses resultados confirmaram num grau significativo nossa hipótese geral de que os processos de comunicação possibilitados pelas redes digitais, quando produzidos de forma multicódigos, estimulam a geração de pensamentos mutantes, permitindo maior efetividade comunicacional. A perspectiva pragmaticista adotada e os resultados obtidos propiciam, portanto, a apropriação do atual contexto crítico que afeta o campo da

comunicação em aspectos bastante produtivos, na medida em que incorporam a mudança e a articulam à própria concepção dessa área do saber.

A busca de processos comunicacionais de maior eficiência, que conduzam a um estado de transformação permanente dos hábitos de pensamento como critério de excelência também é algo derivado da ideia de razoabilidade do pragmaticismo, em especial de sua esfera da ética. Definida não como algo ligado à moral e sim como estudo de quais fins de nossas ações estamos deliberadamente preparados a adotar (Peirce, 1903: EP 2.200), a ética nos fornece a direção mais adequada para harmonizarmos nossos pensamentos com seus respectivos contextos existenciais em vista de um ideal admirável. Estes são concebidos pelo pragmaticismo como em permanente mudança, algo que aparece agora de forma bastante clara no plano da comunicação.

Além disso, a concepção do campo apoiada nessa ideia de ética dialoga diretamente com o âmbito empírico da comunicação, na medida em que se insere na esfera das ciências normativas (ver Diagrama 2), ou seja, aquelas áreas do saber que buscam esclarecer as bases estéticas, éticas e lógicas das normas que motivam nossas condutas em vista de um ideal, de um fim, frente ao dualismo de nosso encontro com a experiência. Tais fundamentos, contudo, devem estar balizados pela razoabilidade do universo e não por qualquer motivação de caráter meramente humano. Nas palavras de Peirce:

> Uma sutil e quase incontornável estreiteza na concepção de Ciência Normativa atravessa quase toda a filosofia moderna ao relacioná-la exclusivamente à mente humana. O belo é concebido como relativo ao gosto humano, o certo e o errado são ligados somente à conduta humana, a lógica lida com o raciocínio humano. Na verdade, essas ciências certamente são de fato ciências da mente. Porém, a filosofia moderna nunca foi suficientemente capaz de se livrar da ideia Cartesiana de mente, como algo que "reside" – e esse é termo – na glândula pineal. Todos riem disso hoje em dia, e ainda assim todos continuam a pensar na mente dessa mesma maneira em geral, como uma coisa dentro dessa ou daquela pessoa, pertencendo a ela e correlata ao mundo real. Um programa inteiro de conferências seria necessário para mostrar esse erro. Eu posso apenas sugerir que se alguém refletir sobre isso, sem estar dominado por ideias pré-concebidas, logo começará a perceber que é uma visão muito estreita de mente (Peirce, 1931-58: 5.128).

Portanto, as bases fornecidas por essas ciências para as definições conceituais relativas ao campo da comunicação nos dão elementos para que abordemos esse momento crítico tomando as mudanças como constituintes naturais inerentes a esses processos, assim como acontece com todos os demais fenômenos.

A ênfase no empírico inclui a ideia de que deve haver sempre uma profunda articulação da teoria com a prática em todo esse movimento em busca da definição do campo, não sendo possível considerar concepções rígidas, de caráter disciplinar. Implica, ainda, em tomar a comunicação como algo muito mais complexo do que uma mera ciência prática, com motivações particulares como o jornalismo, a publicidade, etc.

A hipótese pragmaticista da comunicação como mudança

Assim, de acordo com as etapas preconizadas pelo pragmaticismo, e a partir dos resultados obtidos com as pesquisas realizadas, chegamos a uma segunda hipótese, de fundo epistemológico. Ela afirma que a ciência da comunicação tem como objeto os incessantes processos de criação, produção e interpretação de referências a contextos possíveis, existenciais ou ideacionais, ou de articulação entre eles, que envolvem sistemas vivos, inteligências artificiais ou seus híbridos, o que sempre conduz os agentes a algum grau de mudança, afetando seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações.

De acordo com essa definição, os processos de criação, produção e interpretação que caracterizam os sistemas vivos, inteligências artificiais e seus híbridos, em seu contínuo esforço de relacionar referências do ambiente a contextos mais complexos, constituem, portanto, o objeto da ciência da comunicação. De fato, não é possível o estabelecimento de qualquer tipo de processo de comunicação sem que ocorram percepções de signos de algum tipo (sub-hipótese 1) e, daí, é inevitável que os agentes envolvidos no processo os relacionem a algum contexto, seja ele meramente possível, fisicamente existente, ideacional, ou uma combinação dessas esferas (sub-hipótese 2).

Além disso, compreendemos que tal processo perceptivo, ao final, sempre conduz as mentes envolvidas a algum grau de mudança. Isto porque, na medida em que a relação apresentada acima entre um signo percebido e um determinado contexto é estabelecida, não há como evitar algum tipo de efeito nas mentes envolvidas, seja na esfera dos sentimentos, da ação, do pensamento, ou de suas combinações (sub-hipótese 3). A única alternativa seria esta eventual mente interpretadora esquivar-se, caso isso seja possível, antes

da ocorrência dessas percepções. Acreditamos que, apesar de ser originária do método pragmaticista, tal definição do objeto da ciência da comunicação atende a uma ampla diversidade de abordagens teóricas, contribuindo para a redução de tensões na área, ao revelar proximidades ainda não percebidas.

O lançamento dessa hipótese sobre a constituição do campo decorre da adoção do primeiro dos três tipos de inferência adotados em qualquer processo de descoberta, de acordo com o pragmaticismo, ou seja, a abdução. Esse tipo de raciocínio serve ao propósito de lançar uma possível explicação frente a uma questão surpreendente ou obscura.

Nesse caso, a abdução é derivada dos resultados das pesquisas que apresentamos anteriormente, ou seja, nossos primeiros processos abdutivos foram submetidos a testes e geraram essas novas hipóteses. Assim, os resultados obtidos após a adoção das primeiras hipóteses, por meio de processos indutivos de caráter qualitativo, conduziram a novas predições de tipo inteiramente diferente e, caso sejam igualmente verificadas, reforçam a confirmação obtida a partir das abduções iniciais (Peirce, 1931-58: 7.117). Portanto, embora essa hipótese sobre o campo tenha uma anterioridade lógica em relação às primeiras que lançamos, relativas à comunicação multicódigos, para nós surgiu como consequência do sucesso desse método quando aplicado à essas pesquisas que realizamos durante muitos anos.

A hipótese e suas bases na analítica, no interpretante último e na razão

Outra base dessa proposta vem da gramática especulativa, ou analítica, que compõe a teoria sígnica de Peirce (ver Diagrama 2), na medida em que o processo comunicacional é tomado, em primeiro lugar, como algo que ocorre por meio de signos. Em decorrência disso, é descrito por meio das relações que apresenta considerando-se várias tríades, entre elas as que ocorrem entre signos, objetos e interpretantes. Nesse caso, os signos são as "referências" produzidas, os objetos os "contextos possíveis, existenciais ou ideacionais, ou de articulação entre eles" e os interpretantes os resultados dos "incessantes processos de criação, produção e interpretação" realizados "pelos sistemas vivos, inteligências artificiais ou seus híbridos".

Esses resultados geram nas mentes, como efeitos pragmáticos do processo, "algum grau de mudança, afetando seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações", cumprindo, portanto, sua função de interpretante. Este, como se sabe, é o signo desenvolvido na mente do intérprete,

mesmo que ela seja artificial ou híbrida, a partir da percepção da referência produzida e sua inevitável relação a um possível contexto.

Existem diversas gradações do conceito de interpretante, desde o imediato, da esfera da mera possibilidade de ocorrência, passando pelo dinâmico e seus subtipos, até o "final", de âmbito extremamente geral, abarcando também processos futuros. Entre os tipos do dinâmico, encontra-se o lógico último que avança, em relação aos demais, de um caráter de interpretabilidade ligada à esfera dos sentimentos ou da ação, para se constituir numa operação cognitiva diferente, de mudança de hábito, com caráter coletivo e um horizonte de alta generalidade.

Como tem esse caráter geral, atinge o máximo de normatividade em termos semióticos e constitui, assim, a referência para a mudança à qual nos referimos na definição que propusemos aqui. Ou seja, a excelência dos processos comunicacionais está relacionada à capacidade das mentes interpretadoras chegarem a tal operação cognitiva, o que inclui a submissão a uma permanente heterocrítica por parte de outras mentes e, ainda, ao máximo possível de autoconsciência de seus próprios processos inferenciais.

Peirce descreve da seguinte maneira esse interpretante, ao tratar dos significados dos conceitos intelectuais como um "efeito":

> Antes de determinar a natureza desse efeito será conveniente adotar uma designação para ele, e vou chamá-lo de interpretante lógico, sem determinar ainda se este termo deve se estender a alguma coisa além do significado de um conceito geral – embora certamente esteja relacionado a isso – ou não. Devemos dizer que esse efeito pode ser um pensamento, ou seja, um sinal mental? Sem dúvida, pode ser, porém, se este signo é do tipo intelectual – como deveria ser – ele próprio deve ter um interpretante lógico, de modo que ele não pode ser o interpretante lógico último do conceito. Pode-se provar que o único efeito mental que pode ser assim produzido e que não é um signo, mas é de aplicação geral, é uma mudança de hábito; significando por mudança de hábito a modificação das tendências de uma pessoa para a ação, resultante de experiências anteriores ou de esforços anteriores de sua vontade ou atos, ou de um complexo de ambas as causas (Peirce, 1931-58: 5.476).

A concepção de que o interpretante lógico último é a mudança de hábitos decorre da hipótese pragmaticista de que o pensamento é analógico às regularidades naturais que atuam sobre seus agentes, por meio da razão. Naturalmente, nem todos os processos comunicacionais atingem esse estágio, porém, segundo nossa definição, ele funciona como um critério para determinar sua excelência.

As bases estéticas, fenomenológicas e matemáticas da mudança

Esse raciocínio acima nos conduz a outra das bases dessa definição que é a estética (ver Diagrama 2). Primeira das ciências normativas, fundamento da ética, ela permite distinguir o que é admirável em si mesmo, algo que constitui, segundo Peirce, o principal fundamento para o raciocínio atingir um estado de harmonia com os processos naturais. Em consequência, se há essa harmonia, é possível adotarmos essa lógica que nos conduz à razão e haver, assim, mudança de hábitos. Portanto, é nesse processo que o pensamento aproxima-se do "admirável", do *kalós*, do *Summum Bonum*, que é a adoção espontânea de uma ideia pela mente coletiva como a mais adequada às circunstâncias, sem nenhuma razão especial a não ser a noção instintiva dessa adequação. Diz Peirce:

> Mas, para apresentar a questão da estética em sua pureza, devemos eliminar dela não apenas todas as considerações acerca de esforço, mas todas as considerações sobre ação e reação, incluindo toda consideração acerca da nossa recepção do prazer, tudo, em síntese, que pertença à oposição entre ego e não–ego. Não temos em nossa língua uma palavra com a generalidade requisitada. O grego kalós, o francês beau apenas se aproximam, sem alcançá-la exatamente. "Fine" seria uma pobre substituta. Belo é mau, porque um modo de ser kalós depende essencialmente da qualidade ser não-bela. Talvez, contudo, a frase "o belo do não belo" não fosse ofensivo. Mas "beleza" é muito superficial ainda. A questão da estética é, usando o termo Kalós (do grego, "admirável"): Qual é aquela qualidade que, na sua presença imediata, é Kalós? A ética deve depender desta questão, assim como a lógica depende da ética. A estética, portanto, embora eu a tenha negligenciado terrivelmente, parece ser, possivelmente, a primeira e indispensável propedêutica para a lógica, e a lógica da estética parece ser uma parte distinta da ciência lógica que não deve ser omitida (Peirce, 1931-58: 2.199).

Assim, na medida em que obtemos significações cada vez mais precisas, ou seja, interpretamos as relações de referências a contextos de forma crescentemente adequada, mudamos nossos hábitos em harmonia com uma dinâmica que é "admirável" por ser própria à "razão da natureza". É interessante assinalar, de passagem, que, no atual contexto tecnológico, as inteligências artificiais criadas por humanos ainda não estão aptas a tais mudanças. Daí, quanto mais as mentes estiverem envolvidas em processos comunicacionais com tal razoabilidade, mais próximas estarão da excelência em significação, as conduzindo à proposição lançada acima de que o objeto da ciência da comunicação está relacionado às mudanças geradas pela criação, produção e interpretação de referências a contextos existenciais.

Tanto a abdução quanto as percepções sígnicas e as relações estéticas são processos fundamentalmente ligados à fenomenologia, tal como a concebeu Peirce (ver diagrama 2). Nomeando-a, mais tarde, phaneroscopia, para diferenciá-la de outras perspectivas filosóficas, ele considerava ser seu objetivo descrever todos os aspectos comuns a tudo aquilo que é ou poderia ser experienciado, ou se tornar objeto de estudo. É nessa área do conhecimento onde se situam as já conhecidas categorias peircianas, das quais a primeiridade é o lugar de predominância dos fenômenos indeterminados, ligados à estética, e geradores das possibilidades de mudança. Portanto, sob essa perspectiva, os processos comunicacionais encontram aí as raízes de toda e qualquer transformação que sobre eles incide, seja na percepção, no embate com o existencial ou no pensamento.

Essa esfera do raciocínio relaciona-se, ainda, diretamente, com a área do saber mais básica das ciências da descoberta, a matemática (ver Diagrama 1), encarregada de colocar hipóteses e tirar suas consequências como conclusões necessárias (Peirce, 1931-58: 1.240). Embora seu campo de ação seja marcadamente abstrato, provê o pensamento com o rigor necessário para se pensar a indeterminação e, portanto, o novo e a mudança. É interessante notar, ainda, que as próprias categorias peircianas decorrem de uma visão pitagórica, portanto matemática, do mundo, e exibem propriedades geométricas compondo fractais.

Possíveis consequências da proposta sobre o campo e seus testes empíricos

A etapa seguinte prescrita pelo método pragmaticista para que nossa proposta de definição para o campo da comunicação esteja articulada com a razoabilidade, requer que suas possíveis consequências práticas tenham alguma

confirmação empírica. Para isso é necessário que haja um novo deslocamento desses procedimentos, de forma que se efetue a passagem da dominância da terceiridade, ou seja, da generalidade da inferência hipotética que consiste na proposta, para particularidades existenciais testáveis, da esfera da secundidade, por meio da dedução. Essa inferência constitui um dos três tipos de argumentos cuja validade e grau de força são avaliados pela lógica crítica (ver Diagrama 2). Agora, a utilizaremos outra vez para chegarmos a essas possíveis consequências práticas da nova proposta.

Num exercício mental com a proposta tomada como diagrama representativo do objeto em questão, ou seja, o processo comunicacional, e sua divisão em sub-hipóteses (ver item 3), é possível deduzir três possíveis efeitos práticos, com base nas categorias de Peirce: 1. os processos de comunicação são desencadeados pela percepção de algo que funciona como signo para uma mente interpretadora; 2. a percepção de algo que funciona como signo conduz a mente interpretadora a relacioná-lo com algum contexto possível, existencial ou ideacional; e 3. a relação sígnica com algum contexto possível, existencial ou ideacional por parte da mente interpretadora tem como consequência mudanças em seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações.

A partir dos dados recolhidos em nossas diversas pesquisas, já citadas, sobre processos comunicacionais envolvendo ciberativistas, usuários de jogos eletrônicos e de redes sociais, e de pesquisadores ligados ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, nos foi possível encontrar confirmações em todos esses efeitos derivados da hipótese lançada.

O efeito de algo funcionando como signo

Numa verificação sobre o primeiro, é fácil constatar que esses processos de comunicação foram desencadeados pela percepção de algo que funcionou como signo para mentes interpretadoras. Nas pesquisas sobre ciberativismo, as referências sígnicas para os processos comunicacionais foram os elementos visuais e verbais encontrados nos sites. Situam-se, aí, vários signos por nós investigados, entre eles aqueles criados pelos organizadores de uma parada intitulada *EuroMayday,* incluindo sua "parada virtual" (Pimenta e Soares, 2004); os contidos no site do movimento dos zapatistas mexicanos, incluindo o endereço Europa Zapatista (Pimenta e Rivello, 2012), e, ainda, os do movimento *Wikileaks*, no caso, de sua versão brasileira (Pimenta e Rodrigues, 2012).

Em trabalhos voltados para o estudo das mentes interpretadoras de usuários de jogos e redes sociais, as referências sígnicas se encontravam nos chamados metaversos, ou seja, nas simulações de ambientes 3D (Pimenta e Umbelino, 2012); nos sites de relacionamento, ou seja, o *Orkut*, o *Kaneva* e o *Second Life* (Pimenta e Varges, 2010); e, ainda, no jogo eletrônico *World of Warcraft* (Prado Silva, 2010). Finalmente, nas pesquisas envolvendo os participantes do grupo de trabalho Epistemologia da Comunicação da Compós, as referências sígnicas foram os dados obtidos por eles em suas investigações, depois traduzidos nos signos verbais constituintes dos artigos que utilizamos (Pimenta, 2007B; 2009; 2010A; Pimenta e Silveira Jr, 2009).

O efeito da relação do signo a um contexto

Em relação ao segundo efeito previsto a partir da hipótese que aqui apresentamos, de que a percepção de algo que funciona como signo conduz a mente interpretadora a relacioná-lo a algum contexto possível, existencial ou ideacional, também é fácil constatar essas ocorrências nas pesquisas realizadas. Nos casos do ciberativismo, os signos da parada virtual *EuroMayday* remetiam as mentes interpretadoras tanto para as manifestações existenciais do dia primeiro de maio que ocorreram fisicamente em várias cidades europeias, quanto para o ambiente simbólico de mobilização compartilhado pelos usuários do site (Pimenta e Soares, 2004); os signos dos sites dos zapatistas mexicanos estavam relacionados, igualmente, tanto àquele movimento social quanto ao espaço que ocupavam na internet (Pimenta e Rivello, 2012); enquanto os do movimento *Wikileaks* se ligavam especialmente à sua versão virtual, embora também dissessem respeito a eventos com caráter existencial (Pimenta e Rodrigues, 2012). Portanto, essas relações são claras e foram fundamentais para a ocorrência de seus respectivos processos comunicacionais.

O efeito das relações sígnicas promoverem mudanças

Também o terceiro possível efeito dessa hipótese, de que a relação sígnica com algum contexto possível, existencial ou ideacional por parte da mente interpretadora tem como consequência mudanças em seus modos de perceber, de agir, ou de raciocinar, ou suas combinações, é algo igualmente bastante claro a partir das pesquisas realizadas. Das nove amostras obtidas, apenas dois dos processos comunicacionais não foram caracterizados como notoriamente geradores de mudanças por meio das análises realizadas, ou seja, os sites zapatistas e aqueles relatados por um grupo dos pesquisadores da área

de epistemologia (Pimenta e Rivello, 2012 e Pimenta, 2007B; 2009; 2010A).

No primeiro caso, embora o resultado seja algo surpreendente, por ser um grupo que se tornou mundialmente conhecido exatamente como exemplo de ciberativismo, a plataforma digital se mostrou bastante precária em relação aos efeitos pesquisados. Isso não quer dizer que esses seus processos de comunicação não produzam mudanças, porém, nesse caso, elas não se mostraram tão evidentes. O mesmo aconteceu em uma das amostras referentes a pesquisadores da esfera da epistemologia, na qual não verificamos a percepção de transformações marcantes decorrentes dos processos comunicacionais multicódigos. Contudo, da mesma forma que no caso dos zapatistas, o resultado não implica, necessariamente, na conclusão de que tais processos não estão relacionados a mudanças nas mentes interpretadoras.

Assim, somente nesses dois casos os efeitos previstos não se confirmaram de forma clara. Em todas as demais situações pudemos constatar alterações tanto nas percepções, quanto nas ações e, ainda, nos pensamentos relativos aos processos comunicacionais observados. Assim, consideramos bastante provável nossa hipótese de que possamos caracterizar a área a partir da concepção deste campo do saber conforme a proposta acima.

Diálogos da perspectiva pragmaticista sobre o processo comunicacional

De acordo com a classificação das ciências proposta por Peirce, a comunicação encontra-se, portanto, dentro do âmbito da idioscopia ou ciências especiais, as quais se apoiam na filosofia, e, daí, em uma fenomenologia, e em sua lógica, ou semiótica (ver diagrama 2). Além disso, em sua constituição como campo do saber, deriva da metodêutica, que estuda os métodos a ser utilizados na investigação, na exposição e na aplicação das descobertas, de onde se origina o pragmaticismo (Peirce, 1907: MS 320, 024). Daí, podemos estabelecer, então, diversos diálogos teóricos a partir da proposta que lançamos de caracterização do campo da comunicação.

O efeito mutante dos suportes multicódigos e a cibercultura

Uma das esferas que pode ter seus processos compreendidos de forma mais complexa se adotarmos tais perspectivas é a área que se convencionou chamar de tecnocultura, cultura digital, ou cibercultura. O fator originário dessa vertente de estudos está relacionado, essencialmente, ao plano do su-

porte, em vista da substituição de componentes analógicos por tecnologias digitais nos mais diversos equipamentos de comunicação. Daí, se compreende que esse desenvolvimento vem alterando os modos como se dão os processos de trocas, uma vez que as tecnologias digitais permitem a criação, transmissão e recepção de signos híbridos articuladores dos mais diversos códigos, ampliando as relações entre os referentes e seus contextos, ou seja, entre signos e objetos, propiciando processos interpretativos de crescente complexidade.

Diante desse quadro, a definição dos processos comunicacionais com base no pragmaticismo pode ser útil na medida em que enfatiza os processos de mudança, e, daí, avança na explicação dos efeitos gerados no contexto das tecnologias digitais. Para tal, o conceito de interpretante, por exemplo, derivado da semiótica, em suas diversas acepções, articulado com os outros domínios da estética e da ética, ajuda a compreender a base lógica dessas mudanças de seus aspectos comunicacionais, avançando em relação às visadas de fundo descritivo.

Uma dessas contribuições se refere a uma possível mudança não só de hábitos de ação, mas também de pensamento, derivada de um aprimoramento dos processos de interpretação pela utilização dos suportes digitais multicódigos. Tal desenvolvimento viria a partir de hipótese, com a qual trabalhamos, de existência de um crescente compartilhamento comunicacional entre os usuários por causa das mediações de caráter sinestésico, que recuperam as qualidades dos fenômenos face a face, em vista da atenuação da intermediação sígnica.

Em artigo apresentado no congresso da Compós em 2006, descrevemos as condições para a ocorrência de tais mudanças:

> Cultivar hábitos críticos coletivos de autocontrole reflexivo, submetidos à heterocrítica, tendendo para a ação em conjunto em busca de um ideal estético sempre em processo é, portanto, o caminho que o Pragmatismo de Peirce indica para o ciberativismo. Com um alerta: sem a consciência dos princípios guia, as possibilidades da imersão hipermídia e da telepresença não estarão articuladas aos genuínos interpretantes lógicos últimos e, assim, deixarão de estar aptas a gerar novos hábitos mentais, de ação e de sentimento sempre que a realidade externa assim o exigir (Pimenta, 2007A: 185).

Caso essas condições estejam sendo cumpridas e tais mudanças estejam, de fato, acontecendo, estaríamos caminhando no sentido da razoabilidade. Sobre tal base de compreensão, essa vertente pode, então, explorar outros aspectos dos fenômenos e situá-los num quadro menos relacionado a uma cultura em particular, o que, de resto, é ainda mais compatível com as características abrangentes da tecnocultura.

A superação do construtivismo, a ideia coletiva e as vertentes sociológicas

Outra tendência de estudos da área que pode se beneficiar da definição de objeto da ciência da comunicação apresentada é a do campo visto sob uma perspectiva social, na medida em que se compreenda que mesmo as ocorrências de esferas mais estritamente culturais, com ênfase em trocas simbólicas, são organizadas semioticamente. De fato, os processos sociais sempre se desenvolvem por meio de trocas sígnicas, nas quais múltiplas relações entre referências e contextos vão sendo estabelecidas e, daí, interpretadas.

Compreender esse fundamento dos processos perceptivos, de ação, e do pensamento na esfera social, passa a ser, então, um instrumento a mais. Acreditamos, assim, que a ênfase no contexto externo ao pensamento, e à consideração da existencialidade dos objetos das representações decorrente da imersão e imediaticidade permitidas, constitui uma das contribuições mais relevantes do pragmaticismo e da lógica semiótica às ciências sociais no atual quadro de estudos.

A propósito desse tema, e também com base no realismo, o pesquisador Fernando Andacht criticou a "moda" teórica da vertente intitulada construção social da realidade. Em suas palavras:

> Considero o uso maciço e difuso da CSR na literatura comunicacional um movimento centrífugo de diluição da identidade causado pela adoção irreflexiva, automática do modelo construcionista. O desfecho deste uso prático e reducionista dessa teoria é a transformação de uma atividade de natureza científica em outra política ou prática: embora justa ou admirável, a tarefa de mudar o mundo através da elevação da consciência social não deve ser confundida com a procura autocrítica e sistemática de conhecimento. Estamos perante uma ação baseada em certezas, em convicções pessoais. O maior ou menor grau de respeitabili-

> dade desta atitude não é algo pertinente para a presente discussão epistemológica do campo comunicacional (Andacht, 2006: 2).

Em trabalho recente, Felinto também denunciou o que julga ser uma atual desconsideração da materialidade nas análises dos processos de comunicação, embora sua crítica não venha de uma vertente de fundo semiótico. Diz o autor:

> Como disciplina fundamentalmente preocupada com a investigação de processos de significação entre emissores e receptores, a comunicação se caracterizou como uma investigação de ordem hermenêutica. E, notadamente, a história das teorias e dos métodos de pesquisa em comunicação apresenta um viés quase que exclusivamente hermenêutico. De análise de conteúdo aos estudos de recepção, trata-se essencialmente de interpretar sentidos. Nesse circuito, o componente propriamente tecnológico e material dos meios foi quase que inteiramente esquecido. O mais importante eram os emissores e receptores humanos que se encontravam nas pontas da cadeia comunicacional, na qual os meios apareciam como pouco mais que instrumentos de transmissão de informação (Felinto, 2011: 6).

Uma noção mais complexa e atual das trocas semióticas que estão na base dos processos comunicacionais, incluindo as articulações permitidas pela teoria dos interpretantes, pode ser útil para superar dificuldades que essa vertente geralmente encontra, em seu apego a fundamentações teóricas ainda muito associadas ao estruturalismo, com seu referencial linguístico e seu modelo verbalista.

Nesse caso, a contribuição do pragmaticismo pode ser encontrada, em especial, em sua ênfase no caráter coletivo dos processos de significação, na medida em que seu desenvolvimento é visto em harmonia com a lógica ou "razão" do universo. Segundo Peirce, uma visão científica do mundo é, necessariamente, fruto do pensamento geral, e, portanto, algo de caráter social. Em vista do fato dessa lógica se apoiar na excelência ética que constitui a adesão à meta do *Summum Bonum*, do admirável, isso também se aplica ao terreno das ações, no caso, a uma ênfase naqueles comportamentos de caráter coletivo.

A busca da eficiência comunicacional e a crise do jornalismo

Uma terceira esfera que tem muito a ganhar a partir de uma compreensão dos fenômenos de seu campo de atuação consciente de sua base semiótica é o jornalismo, em vista do fato de ter como matéria prima, por excelência, processos sígnicos. Portanto, conhecê-los da melhor forma possível em suas relações derivadas de suas instâncias representativas, de referência e interpretativas é algo bastante recomendável. Na medida em que essa atividade está sempre em busca de signos que possam representar seus objetos da forma mais rica possível, tal objetivo está intrinsecamente relacionado à procura de razoabilidade preconizada pela Máxima Pragmática de Peirce, concebida como método que visa, exatamente, aprimorar a obtenção de significados.

Outro campo no qual há uma clara articulação entre o jornalismo e sua base semiótica é o das mudanças geradas pelas tecnologias digitais. De fato, todas as rotinas, desde a confecção de pautas até a edição final têm passado por uma reorganização radical, alterando, ainda, todas as suas demais esferas, incluindo aspectos sociais e econômicos. Nesse contexto, a semiótica e o pragmaticismo podem contribuir para uma melhor compreensão desses processos, tanto no âmbito do signo, ele mesmo, em vista das alterações nos suportes; do signo em relação a seu objeto, considerando-se todas as transformações nos processos de obtenção de informações, e, ainda, no plano do signo em relação a seus interpretantes, observando-se o grande impacto que as tecnologias digitais têm causado no domínio social e do pensamento.

Na medida em que o jornalismo se desloca de sua configuração da sociedade de massas, caracterizada pela concentração de emissores, para a atual estrutura aberta "todos para todos" das redes informatizadas, apresenta-se uma ambiência propícia para intervenções comunicacionais com características coletivas, conforme destacamos acima, e, portanto, mais adequada à lógica da razoabilidade.

A lógica dos processos de comunicação como epistemologia

Finalmente, acreditamos que os debates na esfera da epistemologia da comunicação também têm a ganhar com a adoção de tal definição do campo, como formado por processos de referência a contextos que conduzem a mudanças, tendo-se em vista o caráter metalinguístico da epistemologia em relação às suas práticas de linguagem. Esse fato a torna, de saída, portadora de um estatuto marcadamente representacional e semiótico, e, daí, apta a um tratamento lógico que lhe garanta segurança quanto à excelência do raciocínio empregado. O pensamento epistemológico se desenvolve, portanto, por meio

de análises ou referências ao contexto de produções teóricas comunicacionais, as quais, por sua vez, são constituídas de outras representações, ou referências, a objetos em seus diversos contextos práticos, sejam eles midiáticos, de comunicação interpessoal ou envolvendo máquinas.

Também o caráter dinâmico, de mudança, da epistemologia da comunicação, decorrente das características de seu objeto, radicalizadas pela tecnologia digital, encontra abrigo em nossa caracterização da comunicação, ainda mais em vista do atual momento crítico das atuais posturas. De fato, os problemas com os quais a tarefa de construção da ciência da comunicação se debate estão a exigir mudanças de hábitos e, daí, os instrumentos fornecidos pela semiótica podem ser de grande utilidade.

Além disso, a visada pragmaticista da definição proposta proporciona a possibilidade de uma compreensão mais complexa das questões metodológicas. Ao operar a partir da metodêutica, o pragmaticismo se propõe como método que articula os três tipos de raciocínio, a abdução, a indução e a dedução, e os combina com a experiência, em direção a uma compreensão dos fenômenos relacionada à lógica ou "razão" do universo.

O pragmaticismo permite, assim, a proposição de um método para a própria ciência dos métodos, na medida em que parte de uma compreensão de caráter extremamente geral associada ao conceito de razoabilidade, que inclui a universalidade dessas operações, derivadas da generalidade extramental que opera no universo e que formata pensamentos e teorias.

Referências

ANDACHT, F. A Síndrome de Prometeu: um obstáculo no desenvolvimento do campo da comunicação. *Anais do XIV Compós*. Niterói: UFF/Compós (CD), 2005.

FELINTO, E. Da teoria da comunicação às teorias da mídia: ou, temperando a epistemologia com uma dose de cibercultura. *Anais do XX Congresso da Compós.* Porto Alegre: Compós/UFRGS, 2011.

MICHAEL, F. Two Forms of Scholastic Realism in Peirce's Philosophy. *Transactions of the Charles Sanders Society*, XXIV (3), 1988. p. 317-348.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers.* 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. Demais citações de Peirce: "MS", refere-se aos manuscritos inéditos, conforme a numeração feita por R. S. Robin, *Annotated Catalogue of the Papers of Charles S. Peirce*; "NEM", refere-se à The New Elements of Mathematics, 4 vols. (ed. Eisele), *The Hague: Mouton*, 1976; "HP": refere-se a *Historical Perspectives on Peirce's Logic of Science,* 2 vols. (ed. Eisele), The Hague:

Mouton, 1985; “EP” refere-se a The Essential Peirce, 2 vols. Indiana: Peirce Edition Project, 1998.)
PIMENTA, F. *Hipermídia e ativismo global.* Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
_____. Pragmatismo: referência epistemológica para ciberativistas? In: FERREIRA, J. (Org.). *Cenários, teorias e heranças do campo acadêmico da comunicação.* Rio: E-Papers, 2007A. p.171-185.
_____. Semiótica, como teoria da representação, e o campo da comunicação. In: COUTINHO, I. e SILVEIRA, P. (Orgs.). *Comunicação: tecnologia e identidade.* Rio: Mauad X, 2007B. p. 11-22.
_____. Duas abordagens semióticas do ativismo via hipermídia. In: FERREIRA, J. e VIZER, E. (Orgs.). *Mídia e movimentos sociais*: linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007C. p. 117-130.
_____. O canto do cisne estruturalista. *Lumina,* II (2), n/d, 2008A.
_____. O e-mail, o verbal e a interatividade: perspectivas de um novo meio de comunicação. In: LAHNI, C. e PINHEIRO, M. (Orgs.). *Sociedade e Comunicação.* Rio de Janeiro: Mauad, 2008B. p. 127-139.
_____. Indeterminação; o “admirável”; a crescente comunicabilidade. *Revista Famecos,* 38, 2009. p. 37- 43.
_____. A epistemologia da comunicação e o grupo da Unisinos. *Anais do XIX Compós.* Rio: PUCRio/Compós, 2010A.
_____. Semiótica e plataformas interativas multicódigos. In: FERREIRA, J.; PIMENTA, F. e SIGNATES, L. (Orgs.). *Estudos de comunicação: transversalidades epistemológicas.* São Leopoldo: Unisinos, 2010B. p. 187-198.
_____ e FRANCO, J. Mumbai 2004, ativismo político e signo genuíno. In: FAUSTO NETO, A. (Org.). *Os mundos das mídias: reflexões metodológicas sobre produção de sentidos midiáticos*. João Pessoa: Universitária, 2005. p. 221-231.
_____ e LORENA FILHO, D. *Summum Bonum* na Rede: a conectividade é algo admirável? *E-Compós*, v. 1, 2007. p. 10-20.
_____e RIVELLO, A. Zapatismo e ciberativismo: a busca de uma conexão perdida. In: LOPES, B. e ALVES, W. (Orgs.). *Comunicação: práticas e fronteiras*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2012. p. 101-114.
_____ e RODRIGUES, L. Wikileaks e liberdade na comunicação: concepções da sociedade brasileira frente à web 2.0. Ouro Preto: UFOP/ Intercom, *Anais do XVII Intercom Sudeste*, 2012.
_____ e SILVEIRA JR, P. Degenerescência e Revirão: convergência útil para o campo da comunicação? *Interin*, 8 (2), n/d, 2009.
_____ e SOARES, L. EuroMayday 2004 e o ativismo político pela Rede. *Líbero*, VI, 30-35, 2004.

_____ e UMBELINO, M. T. A emergência da cidadania nos metaversos. *Contemporânea*, 10 (1), 2012. p. 1-11.
_____ e VARGES, J. Second Life: vida e cidadania além da realidade virtual? In: *Comunicação e Tecnologias.* Rio de Janeiro: E Papers, 2009. p. 9-22.
_____ e VARGES, J. Metaversos e redes sociais: convergências rumo a novos padrões. In: COUTINHO, I. e ALVARENGA, N. (Orgs.) *Identidade e tecnocultura*. Rio: Mauad X, 2010. p. 12-24.
PRADO SILVA, R. *World of Warcraft: semioses para produção de envolvimento em jogos eletrônicos.* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, Juiz de Fora, MG, 2010.

Resumo

As possibilidades abertas pelas tecnologias digitais multicódigos constituem, hoje, a base de diversas mudanças na esfera comunicacional, tanto perceptivas, nas atitudes concretas, como nos processos ideacionais, lógicos, das mentes interpretadoras. Se, por um lado, esse contexto mutante aparece como um desafio para a área, por outro oferece oportunidades para um esclarecimento crescente sobre os processos de comunicação e, ainda, de seu caráter científico frente às demais ciências. A partir daí, acreditamos que o pragmaticismo de Peirce pode ajudar a definir o papel desses processos no atual ambiente em transformação.

Palavras-chave

Epistemologia – Comunicação – Pragmaticismo.

Abstract

The possibilities created by digital technologies multicode are today the basis for several changes in the sphere of communication, since the perceptual processes, through the concrete attitudes, and also in ideational and logical processes of the interpretant minds. If, on the one hand, this changing context poses a challenge for the area, on the other provides increasing opportunities for a clarification on the processes of communication and also of its scientific character in relation to other sciences. In that sense, we believe that the Pragmaticism of Peirce can help to define the role of these processes in the current changing environment.

Keywords

Epistemology – Communication – Pragmaticism.